

MIA COUTO  
A FOGUEIRA

A velha estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído do mato. As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados.

A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão. Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho.

O velho foi chegando, vagaroso como era seu costume. Pastoreava suas tristezas desde que os filhos mais novos foram na estrada sem regresso.

*“Meu marido está diminuir”, pensou ela. “É uma sombra”.*

Sombra, sim. Mas só da alma porque o corpo quase que não tinha. O velho chegou mais perto e arrumou a sua magreza na esteira vizinha. Levantou o rosto e, sem olhar a mulher, disse:

*- Estou a pensar.*

*— É o quê, marido?*

*— Se tu morres como é que eu, sozinho, doente e sem as forças, como é que eu vou-lhe enterrar?*

Passou os dedos magros pela palha do assento e continuou:

*— Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos. É melhor começar já a abrir a tua cova, mulher.*

A mulher, comovida, sorriu:

*— Como és bom marido! Tive sorte no homem da minha vida.*

O velho ficou calado, pensativo. Só mais tarde a sua boca teve ocasião:

*— Vou ver se encontro uma pá.*

*— Onde podes levar uma pá?*

*— Vou ver na cantina.*

*— Vais daqui até na cantina? É uma distância.*

*— Hei-de vir da parte da noite.*

Todo o silêncio ficou calado para ela escutar o regresso do marido. Farrapos de poeira demoravam o último sol, quando ele voltou.

*— Então, marido?*

*— Foi muito caríssima — e levantou a pá para melhor a acusar.*

*— Amanhã de manhã começo o serviço de covar.*

E deitaram-se, afastados. Ela, com suavidade, interrompeu-lhe o adormecer:

*— Mas, marido...*

*— Diz lá.*

*— Eu nem estou doente.*

*— Deve ser que estás. És muito velha.*

*— Pode ser — concordou ela. E adormeceram.*

Ao outro dia, de manhã, ele olhava-a intensamente.

*— Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.*

*— Nada, sou pequena.*

Ela foi à lenha e arrancou alguns toros.

*— A lenha está para acabar, marido. Vou no mato levar mais.*

*— Vai, mulher. Eu vou ficar covar seu cemitério.*

Ela já se afastava quando um gesto a prendeu à capulana e, assim como estava, de costas para ele, disse:

*— Olha, velho. Estou a pedir uma coisa...*

*— Queres o quê?*

*— Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho.*

*— Está certo. Não lhe vou pisar com muita terra.*

Durante duas semanas o velho dedicou-se ao buraco. Quanto mais perto do fim mais se demorava. Foi de repente, vieram as chuvas. A campa ficou cheia de água, parecia um charco sem respeito. O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que as trouxeram.

— *Não fala asneiras, vai ser dado o castigo* — aconselhou ela. Choveram mais dias e as paredes da cova ruíram. O velho atravessou o seu chão e olhou o estrago. Ali mesmo decidiu continuar. Molhado, sob o rio da chuva, o velho descia e subia, levantando cada vez mais gemidos e menos terra.

— *Sai da chuva, marido. Você não aguenta, assim.*

— *Não barulha, mulher* — ordenou o velho. De quando em quando parava para olhar o cinzento do céu. Queria saber quem teria mais serviço, se ele se a chuva.

No dia seguinte, o velho foi acordado pelos seus próprios ossos que o puxavam para dentro do corpo dorido.

— *Estou a doer-me, mulher. Já não aguento levantar.*

A mulher virou-se para ele e limpou-lhe o suor do rosto.

— *Você está cheio com a febre. Foi a chuva que apanhaste.*

— *Não mulher. Foi que dormi perto da fogueira.*

— *Qual fogueira?*

Ele respondeu um gemido. A velha assustou-se: qual o fogo que o homem vira? Se nenhum não haviam acendido?

Levantou-se para lhe chegar a tigela com a papa de milho. Quando se virou já ele estava de pé, procurando a pá. Pegou nela e arrastou-se para fora de casa. De dois em dois passos parava para se apoiar.

— *Marido, não vai assim. Come primeiro.*

Ele acenou um gesto bêbado. A velha insistiu:

— *Você está esquerdear, direitar. Descansa lá um bocado.*

Ele estava já dentro do buraco e preparava-se para retomar a obra. A febre castigava-lhe a teimosia, as tonturas dançando com os lados do mundo. De repente, gritou-se num desespero:

— *Mulher, ajuda-me.*

Caiu como um ramo cortado, uma nuvem rasgada. A velha correu para o socorrer.

— *Estás muito doente.*

Puxando-o pelos braços ela trouxe-o para a esteira. Ele ficou deitado a respirar. A vida dele estava toda ali, repartida nas costelas que subiam e desciam. Neste deserto solitário, a morte é um simples deslizar, um recolher de asas. Não é um rasgão violento como nos lugares onde a vida brilha.

— *Mulher* — disse ele com voz desaparecida. — *Não lhe posso deixar assim.*

— *Estás a pensar o quê?*

— *Não posso deixar aquela campa sem proveito. Tenho que matar-te.*

— *É verdade, marido. Você teve tanto trabalho para fazer aquele buraco. É uma pena ficar assim.*

— *Sim, hei-de matar você; hoje não, falta-me o corpo.*

Ela ajudou-o a erguer-se e serviu-lhe uma chávena de chá.

— *Bebe, homem. Bebe para ficar bom, amanhã precisas da força.*

O velho adormeceu, a mulher sentou-se à porta. Na sombra do seu descanso viu o sol vazar, lento rei das luzes. Pensou no dia e riu-se dos contrários: ela, cujo nascimento faltara nas datas, tinha já o seu fim marcado. Quando a lua começou a acender as árvores do mato ela inclinou-se e adormeceu. Sonhou dali para muito longe: vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos, os olhos a escorregarem no verde. O velho estava no centro, gravatado, contando as histórias, mentira quase todas. Estavam ali os todos, os filhos e os netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos, todos tinham sempre razão, nenhuma mãe abria a sua carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele sonho. Pediu à noite que ficasse para demorar o sonho, pediu com tanta devoção como pedira à vida que não lhe roubasse os filhos.

Procurou na penumbra o braço do marido para acrescentar força naquela tremura que sentia. Quando a sua mão encontrou o corpo do companheiro viu que ele estava frio, tão frio que parecia que, desta vez, ele adormecera longe dessa fogueira que ninguém nunca acendera.